AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

# Pedagogia da palavração ambiental para currículos “à beira do mundo”[1]

Evanilson Gurgel[2]
Universidade Federal Rural do Semi-árido (Ufersa)
http://orcid.org/0000-0003-2018-767X

Marlécio Maknamara[3]
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
https://orcid.org/0000-0003-0424-5657

**Resumo:** O presente artigo, inspirado em um documentário brasileiro intitulado “Estamira”, aborda os princípios da “pedagogia da palavração ambiental”. Trata-se de uma pedagogia que faz da palavra a sua principal forma de expressão, da matéria viva e lancinante o seu conteúdo e, nessa composição, oferta imagens outras para um mundo em vertigem. O argumento defendido é o de que uma “pedagogia da palavração ambiental” cria imagens outras que sustentam maneiras mais generosas de existir e de reexistir, apontando caminhos mais esperançosos para um amanhã possível, liberando os sujeitos da lógica apocalíptica forjada pelo contexto da emergência climática e de toda a barbárie que dela provém. Concluímos que tal pedagogia, atenta aos ruídos do mundo, produz efeitos de desterritorialização em territórios curriculares, buscando, através da sua poética, liberar a vida que padece em imagens lamuriosas e de destruição.
**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Currículo cultural. Pedagogia. Cinema.

## Pedagogía de la palabración ambiental para currículos “al borde del mundo”

**Resumen:** El presente artículo, inspirado en un documental brasileño titulado “Estamira”, aborda los principios de la “pedagogía de la palabración ambiental”. Se trata de una pedagogía que hace de la palabra su principal forma de expresión, de la materia viva y lacerante su contenido y, en esta composición, ofrece otras imágenes para un mundo en vértigo. El argumento que se defiende es que una “pedagogía de la palabración ambiental” crea otras imágenes que sustentan maneras más generosas de existir y de reexistir, señalando caminos más esperanzadores hacia un mañana posible, liberando a los sujetos de la lógica apocalíptica forjada por el contexto de la emergencia climática y de toda la barbarie

[1] Recebido em: 08/04/2025. Aprovado em: 23/08/2025.
[2] Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-árido, Centro Multidisciplinar de Angicos. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/IFERN/UFERSA). Doutor em Educação (UFBA), Mestre em Educação (UFRN), licenciado em Ciências Biológicas (UFRN) e em Pedagogia (UNINTER). E-mail: evanilson.gurgel@ufersa.edu.br
[3] Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela UFMG (2011). Bolsista PQ do CNPq. Coordenador do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Ambiental e Justiça Climática no Nordeste/SECADI/MEC. Permanente do PPGE/UFBA (desde fev/2017) e do PPGE/UFPB (desde ago/2022) e colaborador do PPGECM/UFV (desde dez/2024). E-mail: maknamaravilhas@gmail.com

que de ella se deriva. Concluimos que tal pedagogía, atenta a los ruidos del mundo, produce efectos de desterritorialización en los territorios curriculares, buscando, a través de su poética, liberar la vida que padece en imágenes lastimeras y de destrucción.
**Palabras-clave:** Educación Ambiental. Currículo Cultural. Pedagogía. Cine.

## Pedagogy of environmental word-making for curricula “at the edge of the world”

**Abstract:** The present article, inspired by a Brazilian documentary titled *“*Estamira”*,* explores the principles of the “pedagogy of environmental word-making.” This pedagogy sees the word as its primary form of expression, the raw and piercing matter as its content, and, in this composition, offers alternative images for a world in vertigo.The argument is that a “pedagogy of environmental word-making” generates new images that sustain more generous ways of existing and re-existing, pointing toward more hopeful paths for a possible future. It seeks to free subjects from the apocalyptic logic forged by the context of the climate emergency and the barbarity that stems from it. We conclude that such a pedagogy, attuned to the world’s noises, produces deterritorializing effects in curricular territories, aiming, through its poetics, to liberate life that suffers in lamenting and destructive images.
**Keywords:** Environmental Education. Cultural Curriuculum. Pedagogy. Cinema.

## ENTRE RESTOS E DESCUIDOS

No dia 21 de julho de 2011 morreu Estamira Gomes de Sousa, aos 70 anos. Vítima de uma vida repleta de negligências, violências de diferentes ordens e subtração de direitos básicos, a catadora de lixo foi abandonada nos corredores de um hospital público e padeceu de uma septicemia que abreviou a sua vida. Finda a sua missão de ser Estamira e de “revelar a verdade”[4], como costumava dizer, o desencarne de Estamira a levou a se tornar o “formato transparente” a que se referia para explicar o que nos aconteceria após a morte. “Ossos, raios e cabelos”: tudo aquilo que nos constitui tomaria uma forma transparente, “e vai... vai, como se fosse um pássaro, voando”. Matéria vítrea, composição translúcida, que retornaria à natureza e com ela comporia o que aqui, mesmo com dificuldade, subsiste.

Mulher, negra, pobre, catadora de lixo, louca. Mãe, avó. Filha abusada, esposa traída. Esquizofrênica. Endemoniada. Mente delirante. Blasfemadora. Possuída. Psicótica. Feiticeira. Inúmeros foram os adjetivos a tentar enclausurar em significados fixados quem seria, em vida, Estamira. Protagonista de um documentário que carrega o seu nome, somos apresentados/as a Estamira em sua labuta no aterro sanitário de Jardim Gramacho, na baixada fluminense do Rio de Janeiro. Aqueles/as que estavam ao seu redor costumavam apresentá-la de modo simplório como uma mulher com sérios

[4] Todos os excertos ao longo do texto que não estiverem associados a alguma citação bibliográfica fazem referência às falas de Estamira, extraídas do documentário homônimo, dirigido por Marcos Prado e lançado em 2005. No momento da escrita deste texto, o documentário estava disponível na plataforma de *streaming* GloboPlay.

problemas mentais e buscavam justificativas para explicar os motivos que a levaram ser como ela é: o abuso sexual vivenciado ainda na infância, os outros dois episódios de estupro que sofreu já adulta, as agressões físicas por parte do ex-esposo, o fato de sua mãe também ter padecido de problemas psiquiátricos. Estamira, no entanto, dispensa qualquer apresentação. Toma a palavra para si e anuncia qual seria o seu objetivo na terra: "a minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade: seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara... Ou então, ensinar a mostrar o que eles não sabem".

Por mais miserável que tenha sido a sua vida, Estamira possuía aquilo que dinheiro nenhum foi capaz de comprar e autoridade alguma conseguiu subtrair-lhe: a palavra. Em suas "revelações", que a ouvidos desatentos poderiam soar como enunciações carentes de qualquer sentido, transborda-se lucidez. Estamira não se resignava com a sua situação de penúria. Não se conformava com um presumido papel de atribulada que serviria perfeitamente para os/as seus/suas algozes. Em vida, protestou de modo inequívoco contra um cenário que, desde então, tem se tornado cada vez mais desafiador, sobretudo no contexto da Educação Ambiental (doravante EA): de que maneira somos capazes de repensar a lógica do hiperconsumismo desenfreado estimulado pela maquinaria capitalista? Como podemos falar em desenvolvimento sustentável quando o que vemos é, precisamente, a insustentabilidade de um modelo que não apenas conduz os indivíduos a consumirem de maneira irresponsável, como também valoriza aqueles/as que se comprazem nesse fetiche mercadológico? Ora, já não estamos anestesiados/as com a chamada obsolescência programada dos equipamentos tecnológicos e não temos adquirido *smartphones* pensando na sua mais atual, sedutora – e custosa, diga-se – versão? Nas palavras de Estamira,

> isso aqui [o lixão] é um depósito dos restos. Às vezes, é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional, ensinou ele a conservar as coisas. E conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a camisa e jogar fora. Você não pode fazer isso. Quem revelou o homem como único condicional, não ensinou trair, não ensinou humilhar, não ensinou tirar... Ensinou a ajudar. Miséria não, mas as regras sim. Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. O Trocadilo[5] (sic) fez

[5] Longe de querermos "explicar" ou dar um sentido único às enunciações de Estamira, é perceptível que aquilo que ela apresenta sob a tutela do neologismo "Trocadilo" seriam as figuras tirânicas de poder com as quais ela se rebela. Por vezes é a Igreja (ou até mesmo a figura divina de Deus/Jesus Cristo), em outros momentos parece ser o Estado e/ou seus governantes, a Família, a Psiquiatria etc. Ao longo do

> numa tal maneira que, quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora.

O "depósito de restos e descuidos" a que Estamira se refere certamente não se limita às fronteiras do aterro sanitário de Jardim Gramacho. É precisamente com essa imagem[6] que desejamos iniciar o presente texto, no qual evidenciamos os princípios daquilo que temos desenvolvido como uma pedagogia da palavração ambiental. Desejamos pensar com Estamira, para que seja possível fabular currículos à beira do mundo, cuja destruição criativa e lastro de fogo a calcinar verdades incontestáveis possam apresentar, de modo cintilante, as aprendizagens possíveis a partir daqueles/as que vêm das margens. Isso porque, assim como Reigota (2008), acreditamos na contribuição política e epistemológica dos/as que não estão no centro do mundo. Quando sentimentos de pertencimento e de intervenção cotidiana são colocados em pauta por esses sujeitos, algo novo pode ser instaurado. Nesse sentido, o documentário "Estamira" é mobilizado neste artigo como uma "pedagogia cultural", isto é, uma pedagogia exercida por um artefato cultural não-escolar, a partir da sua "capacidade de ensinar e a vontade de fazer aprender", não pelo "suposto aditivo instrucional e didático dele, mas por suas formas de influenciar a cultura e, assim, nossas vidas" (Maknamara, 2025, p. 183).

Estamira era, para todos os efeitos, uma *parresiasta*; alguém que não se calava diante da coragem da verdade. Um sujeito que, conforme nos mostrou Foucault (2014, p. 12), quando anuncia a "verdade", isto é, um pensamento, um sistema de crenças, há de "assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige". Isso porque, para que haja *parresia,* é necessário que, dizendo a verdade, "se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência" (Foucault, 2014, p. 12).

Nenhum destes riscos eram desconhecidos por Estamira. Pelo contrário: foram totalmente assumidos pela catadora em sua potência disruptiva e em sua palavração, na qual anunciava a recusa a todas as conformações de uma vida miserável. Estamira não se firmou na figura da filha abusada pelo pai, tampouco fixou-se na imagem de uma

documentário, o "Trocadilo" é anunciado com outros adjetivos: "incivilizado", "esperto ao contrário", "assaltante de poder".

[6] Estamos entendendo por imagem "uma captura em grafia de enunciados, um registro pictórico que enquadra saberes, que grava relações de poder" (Gurgel; Maknamara, 2023, p. 8), isto é, aquilo que é tornado visível por um discurso (Maknamara, 2011).

esposa traída e acomodada, também não aceitou cristalizar-se na posição da catadora de lixo explorada. Em suma, a palavração de Estamira foi um modo de resistência, de sobreviver em um mundo à deriva, de subsistir mesmo em meio a tanta pobreza – não só material, mas também uma sentida carência de futuro.

É a partir da fala de Estamira que pretendemos evidenciar a urgência da (re)construção de uma sociedade justa, irremediavelmente democrática e ecologicamente responsável, pilares para um mundo minimamente habitável e um futuro vivível. Com isso, o argumento aqui defendido é o de que a pedagogia da palavração ambiental cria imagens outras que sustentam maneiras mais generosas de existir e de reexistir, apontando caminhos mais esperançosos para um amanhã possível, liberando os sujeitos da lógica apocalíptica forjada pelo contexto da emergência climática[7] e de toda a barbárie que dela provém.

Em tempos como estes, nos quais discursos apocalípticos objetivam produzir cenários em que quaisquer modos de enfrentamento ao que está dado passem a ser significados como dispêndio de energia em vão[8], desejamos provocar com a imagem do tempo infinito que Estamira argumenta no documentário: "tempo eterno é tempo infinito, mas tem o além e o além do além. Nenhum cientista foi até o além, quanto menos no além do além". Ir "além do além" é, sem dúvidas, um grande desafio. É ir de encontro a tudo aquilo a qual estamos, de algum modo, submetidos/as: condicionados/as em uma "programação maníaca sem precedentes" (Deleuze, 2011), que nos mantêm ocupados/as, absortos/as na espera de um fim a dizimar todas as nossas frustrações e ansiedades. Despossuídos/as do mundo, parecemos já não sermos capazes de comungar de um tempo infinito. Pelo contrário: o presente se avizinha perigosamente de um futuro não desejado e irreversível. O passado, por sua vez, é o jardim das benesses do qual já nem nos lembramos mais.

É preciso deixar claro que, com este texto, não estamos defendendo uma posição negacionista e tampouco minimizamos os efeitos da desastrosa condução dos diferentes governos frente à crise climática que nos assola. Pelo contrário: nosso argumento está

[7] Estamos entendendo por "emergência climática" uma das respostas à expansão predatória do liberalismo tardio no Antropoceno, evidenciando que os processos antrópicos dos últimos séculos provocaram – e seguem provocando – efeitos planetários sentidos sobretudo naquelas populações mais vulneráveis.

[8] Entre tantos exemplos a provocar medo, desânimo e letargia, destacamos como um dos mais simbólicos a produção, por parte de cientistas atômicos, de um "Relógio do Juízo Final", cujo objetivo seria o de mostrar a quantos segundos a humanidade estaria distante da "meia-noite" que representaria uma possível hecatombe nuclear. Quando este texto foi escrito, o relógio apontava que estaríamos a noventa segundos do fim da nossa existência.

precisamente na necessidade de criar possíveis mesmo em tempos de tamanhas incertezas, uma vez que a materialidade da emergência climática parece ter sido sequestrada como justificativa para uma completa letargia. Em outras palavras, se tudo está dado ao fracasso, se o fim é inevitável, por que haveríamos de buscar saídas possíveis? Com a figura de Estamira, buscamos por outras perguntas: como podemos nos reconectar com as forças do mundo nesses tempos e nos discursos sobre os tempos que nos resta? Que possibilidades de modos radicalmente novos de subsistir poderiam ser pensados, sem estarmos permanentemente assediados/as por uma derradeira destruição em nossos horizontes mais próximos? Deixemos a presente pedagogia palavrar...

## PALAVRAR: COMO SOBREVIVER ÀS RUÍNAS?

Palavração é entendida, neste texto, como uma forma de expressão livremente inspirada no método de alfabetização homônimo, cujo objetivo seria o de ensinar as palavras graficamente, sem decompô-las em sílabas, letras, fonemas e grafemas. Em síntese, trata-se de um dos métodos "globais" de alfabetização, em que se ensina do "todo" para as "partes". Ou seja, o foco são as palavras, para que os/as aprendizes/as possam inicialmente compreender palavras comuns, reconhecendo os seus respectivos sons, e a partir daí formar novas palavras através da separação de suas sílabas.

Certamente o foco do presente artigo não é o de defender o referido método de alfabetização, tampouco apresentá-lo minuciosamente. O objetivo aqui é o de multiplicar os sentidos atribuídos à palavração e evidenciar como ela pode ser significada, no contexto de uma pedagogia voltada à EA, como uma prática na qual as palavras importam mais pelas imagens que produzem em cada um/a, do que por um presumido sentido unívoco e homogêneo. Nesse sentido, a palavração a qual nos referimos está mais próxima dos esforços parresiastas de Estamira do que no método global de alfabetização que carrega o mesmo nome. Além disso, cabe mencionar que este artigo é o recorte de uma pesquisa desenvolvida em um estágio de pós-doutorado que buscou cartografar pedagogias e currículos produzidos a partir do cinema, com ênfase nas obras cinematográficas cujas imagens remetem à catástrofes e ao fim do mundo.

Inspirado por “esta-mira” das paisagens desoladoras de um aterro sanitário e diante da força arrebatadora de uma catadora que, mesmo em meio aos urubus, carcaças de animais se decompondo, alimentos estragados e tantas outras imagens de miséria humana, conseguiu manter-se irresoluta em sua missão, eis a pedagogia da palavração ambiental. Trata-se de uma pedagogia que faz da palavra a sua principal forma de expressão, da matéria viva e lancinante o seu conteúdo e, nessa composição, oferta imagens outras para um mundo em vertigem, sem se resguardar em metanarrativas utópicas e salvacionistas – comumente ingênuas ou cínicas.

Se com Estamira podemos aprender a notável diferença entre “restos e descuidos” e de como uma sociedade baseada em no hiperconsumismo tende a colapsar precisamente por não conseguir espaço para desovar aquilo que já não reluz como novidade, uma pedagogia que se assume na perspectiva da palavração ambiental necessita abalar o estado fixo das coisas. Precisa evidenciar que as imagens outras com a qual opera não recaem em discursos apocalípticos e catastróficos, que pouco teriam a nos oferecer em termos de ação em um mundo que estaria inevitavelmente fadado ao fracasso. Trata-se de uma pedagogia que oferece “ilhas de respiro” (Guattari, 2024), afastando-se de um olhar de tom premonitório e “profético”, que comumente se ancoram em um niilismo improdutivo. É uma pedagogia, portanto, que possibilita currículos à beira do mundo ao apontar caminhos mais esperançosos para um amanhã possível, despertando imaginários para a sobrevivência dos seres humanos e mais-que-humanos (Haraway, 2023).

A pedagogia da palavração ambiental se compõe a partir de um constante questionamento, uma condição de insatisfação necessária para que, por um lado, não sejamos seduzidos pelo desejo de aniquilamento do mundo e, por outro, haja uma busca por variar as formas para expressar ideias, pensamentos, sensações, emoções e paixões relativas às questões ambientais. O conteúdo ambiental-poético desta pedagogia, que segue algumas das pistas oferecidas pelo campo da EA, é atravessado por mistério, contemplação e expressão de beleza, pelas minúcias da vida, sem deixar de lado a indignação necessária e as suas correlatas sensações de dor, de tristeza e de medo suscitadas pelos ataques às questões ambientais e, consequentemente, também à vida.

Trata-se de uma pedagogia que, assim como Estamira, “não gosta de erros, não gosta de suspeitas, não gosta de judiação (*sic*), não gosta de perversidade, não gosta de humilhação”. Pelo contrário: busca atentamente pelo que é belo mesmo em meio ao

difícil ofício de sobreviver naquilo que pode causar aversão ou repulsa – a exemplo da própria Estamira, que comove a qualquer um/a que a assiste cozinhar com notável prazer para a filha que a visita em seu barraco, visivelmente limpo, destoando da insalubridade do aterro sanitário. Nesse sentido, cabem as seguintes reflexões: que relações de alteridade significativa temos acionado nas pedagogias que criamos, na docência que exercemos, nos currículos que daí derivam? Há espaço para outros modos de vida que anunciam formas de como (sobre)viver em um mundo assaltado por crises políticas e sob a chancela de uma "emergência climática"? Estaríamos mais atentos às exigências que atualizam as formas de se ensinar e de aprender sob a sincronia dos diferentes relógios da nossa época, "ao ritmo do fascismo, do feminicídio, do aquecimento climático, da guerra", como também "da rebelião e da metamorfose"? (Preciado, 2023, p. 35).

Dito isso, a pedagogia da palavração ambiental se aparta de qualquer entendimento de que a aprendizagem ocorre via condução, em uma lógica platônica na qual aprenderíamos como uma retomada a algo já intrínseco em nós, isto é, um "reconhecimento de algo que já estava impresso na alma, mas que fora esquecido" (Carvalho; Gallo, 2010, p. 298). Aprendizagem esta denunciada por Estamira, que alerta: "vocês não aprendem na escola, vocês copiam. vocês aprendem é com as ocorrências". Em uma pedagogia da palavração ambiental só somos capazes de aprender a partir de encontros, de alianças fortuitas, em relações acidentais e intensivas, por signos que mobilizam o pensamento.

A pedagogia da palavração ambiental, portanto, em vez de investir em "palavras de ordem", costumeiramente definitivas e imutáveis, enfatiza as forças e as velocidades necessárias para voltar a criar outras palavras (e, consequentemente, imagens outras) cujas sensações possibilitem a (re)invenção dos imaginários do nosso futuro. Atenta aos ruídos do mundo, tal pedagogia produz efeitos de desterritorialização em territórios curriculares, buscando, através da sua poética, liberar a vida que padece em imagens lamuriosas e de destruição. Como a palavra é a sua matéria-bruta, "Natureza", "Consciência" e "Apocalipse" foram escolhidas para que seja possível explorar os traços dessa pedagogia, evidenciando os princípios de seu funcionamento e, a partir delas, extrair imagens outras para mundos porvir.

**NATUREZA**

> "Eu, Estamira, sou a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim"
> "Olha lá: os morros, as serras, as montanhas... paisagem de esta mira... esta mar... esta serra... Estamira está em tudo quanto é canto. Tudo quanto é lado. Até o meu sentimento mesmo vê. Todo mundo vê esta mira".

Enquanto Estamira apresenta os elementos que compõem a natureza à sua volta, imagens aparentemente desconexas com a sua enunciação nos são apresentadas: labaredas de fogo ardem no aterro sanitário em um final de tarde, enquanto um dos caminhões que despejam resíduos sólidos se distancia cada vez mais do enquadramento. Enquanto o fogo estala no chão do aterro, um horizonte alaranjado também crepita, anunciando o fim de mais um dia. Onde estão as serras, as montanhas e o mar a que Estamira se refere? Como enxergar *esta-mira* que a catadora apresenta? Que natureza é essa que pode sobreviver em meio ao chorume, à desesperança e aos "restos e descuidos"?

A uma primeira vista, os registros imagéticos do documentário parecem se confundir com o que Estamira enuncia. Como levar em conta o que esta senhora supostamente insana fala? Como dar crédito ao que a esquizofrênica argumenta, sem modéstia alguma, afirmando que "ninguém pode viver sem ela"? Em sua palavração ambiental, Estamira nos adverte acerca da dificuldade que temos, enquanto sujeitos ditos racionais, aceitarmos que também somos parte constituinte da natureza, e não um mero apêndice. Como Reigota (2016, p. 16) afirma, o ser humano contemporâneo "dificilmente se considera um elemento da natureza, mas um ser à parte, como um observador e/ou explorador dela". É dessas argumentações que a pedagogia da palavração ambiental se vale: do desejo de se afastar de qualquer noção antropocêntrica da relação sujeito e meio ambiente. Afinal, como podemos falar de uma natureza que esteja alheia ao que somos, ao que desejamos e ao que dela somos capazes de fazer? De que maneira seríamos capazes de contestar cenários de destruição se, a princípio, não somos parte daquilo de que se destrói?

Ao desfazer o primado do vivo sobre o inerte (Povinelli, 2023) e ao não atribuir valor diferencial entre seres humanos e mais-que-humanos (Haraway, 2023), uma pedagogia da palavração ambiental fabula currículos à beira do mundo cujos sentidos sobre a vida transbordam, excedem as normas. Nesta pedagogia e nos currículos que dela são criados, a ideia de "vida" não está restrita aos processos metabólicos – nascimento, crescimento/reprodução e morte –, buscando liberar os raciocínios

pedagógicos daquilo que Povinelli (2023) apresenta como “império do carbono”, isto é, uma epistemologia ocidental que atribui e valora a vida biológica e que desconsidera tudo aquilo que é considerado “não-vida” ou matéria “inerte”.

Currículos forjados à beira do mundo e que confluenciam saberes que vêm das margens dão conta de mostrar que pedras, montanhas, rios, lagos e paisagens importam tanto quanto aquilo que segue o curso definido da vida e do que é considerado vivo. Afinal, que gerência sobre a vida se dá quando “vida” e “não-vida” são apartadas e quando este corte pode ser utilizado como argumento para as distintas maneiras pelas quais a diferença é governada? Valorizar pedras e montanhas não deveria ser significado como mero capricho de “ecochatos”, mas um imperativo ético de assegurar e proteger aquilo – e aqueles/as! – que não são considerados como “vida”. Isso porque não nos faltam exemplos de como, em tempos bélicos como estes que vivemos, cortes entre o que pode viver e o que deve morrer são acionados com o objetivo de enquadrar determinados grupos como “vivíveis” e outros como “matáveis”. Exemplos que dão conta de adensar os últimos quinhentos anos de capitalismo selvagem, e que nos levam a testemunhar as condições materiais e as consequências daquilo que algumas autoras têm nos apresentado como “Capitaloceno” (Haraway, 2023; Povinelli, 2023).

O que currículos à beira do mundo fazem, portanto, é sabotar a máquina de subjetivação capitalista ao denunciar as injustiças históricas e as mazelas de um mundo em vias de colapsar. São currículos que se propõem a torcer a abstração do Humano como símbolo da nossa era, buscando nas margens aquilo que nem sempre é levado em conta: “O Humano, o Não Humano, o Morto, o Nunca Vivo” (Povinelli, 2023, p. 34). Para tanto, é preciso tecer novas formas de produzir e de combinar tempos-espaços capazes de modificar a lógica com a qual atribui-se sentido e valor para “vida” e “não-vida”. Tal sabotagem, por sua vez, só é possível mediante a produção de imagens outras que subvertam a imagem da “natureza” como alheia e anterior ao “humano” e que desloquem algumas perspectivas dominantes: o hiperconsumismo, a supremacia branca, o genocídio perpetrado a determinados grupos étnico-raciais, a dominação de certos corpos sobre outros, a separação entre humanos e seres *mais-que-humanos*, a descrença por um futuro viável...

Em suma, trata-se de entender a Natureza como “a principal arena de esperança, opressão e contestação para os habitantes do planeta Terra em nosso tempo” (Haraway, 2023, p. 1), compreendendo as construções em torno desse conceito como um processo

concomitantemente cultural – sem, contudo, eliminar suas premissas biológicas. Um imperativo para "as pessoas que precisam e esperam viver em um mundo menos perturbado pelas dominações de raça, colonialismo, classe, gênero e sexualidade" (Haraway, 2023a, p. 3). Nesse sentido, tais currículos apostam em *naturezasculturas*, como costuma grafar Haraway (2023b, p. 111, grifos da autora), um composto de "pessoas/seres vivos e não-vivos engajados *com*", incluindo aí "uma variedade de jogadores surpreendentes".

Poderíamos traduzir esses "jogadores" a quem Haraway (2023b) se refere nos termos das nossas próprias experiências catastróficas *in loco*: reúne desde elementos inertes, como solos, rochas e minerais – que quando geridos por empresas que visam unicamente o lucro, costumam ter consequências catastróficas, a exemplo dos desastres ambientais de Mariana e Brumadinho/MG – sem desconsiderar alianças nas margens desses acontecimentos, como nos inúmeros projetos, associações, ONGs e conselhos municipais engajados na luta por justiça social. São essas imagens outras produzidas por diferentes sistemas de *naturezasculturas* acionadas por uma pedagogia da palavração ambiental que podem provocar descontinuidades em discursos apocalípticos da contemporaneidade.

Ao produzir uma insatisfação com o que está posto nos sujeitos que por eles são interpelados, currículos à beira do mundo exploram potências de variação frente ao cerceamento dos modos de existência em meio ao capitalismo liberal tardio. Se o Capitaloceno tem nos forçado a repensar o nosso futuro, a pedagogia da palavração ambiental e os currículos à beira do mundo dela correlata buscam produzir imagens outras que fujam do dualismo "vida" e "não-vida". Com isso, há um trabalho intensivo de criar formas improvisadas de existir em um mundo à deriva, para que a vida e a beleza que dela se extrai possam soerguer mesmo em territórios presumidamente estéreis. Assim como a flor que furou o asfalto, no poema de Drummond de Andrade, assim como Estamira *bruta-flor* resistindo e florescendo no chorume que borbulha no Jardim Gramacho.

## CONSCIÊNCIA

> "Eu sou louca, sou doida, sou maluca, sou advogada. Sou essas quatro coisas. Mas, porém, consciente, lúcido e ciente sentimentalmente"

A que ou a quem tem servido aquilo que enunciamos por "consciência ambiental"? De que maneira os discursos apocalípticos já citados neste texto têm se

prestado menos a nos amedrontar do que para governar uma massa que assumiria para si uma responsabilidade salvacionista? Afinal, como nos mostram Silva e Chaves (2018, p. 53), temos sido constantemente atravessados/as por um "suposto mal que fazemos ao mundo e, simultaneamente, somos convidados a rever nossas escolhas e hábitos sob pena de ver a vida escorrer pelas mãos".

O que a pedagogia da palavração ambiental, convoca, por outro lado, é um permanente questionamento em torno do que chamaríamos por "consciência ambiental", além de demandar uma atenção contínua, mas não neurótica, aos problemas que nos afligem. Para tanto, é necessário experimentar: fissurar os ideários apocalípticos, abalar os modelos que tendem a construção de uma consciência unívoca, uma pretensa "conscientização ambiental" que nos salvaria do caos que nos aguarda. Maquinada a partir da sensação de urgência e no pânico daquilo que se avizinha, tais modelos concorrem para a produção de uma *subjetividade zumbi*, cujos avatares se assemelham aos "mortos-vivos" que comumente atravessam os artefatos culturais que se prestariam a "antecipar" nosso desfecho. Trata-se de uma subjetividade composta por posições de sujeito que carregam traços de um planeta em colapso e que urde um caráter de modelização e serialização (Gurgel; Maknamara, 2022). Ou, nas palavras de Povinelli (2023, p. 46), o Zumbi é uma das figuras paradigmáticas do tempo em que vivemos: é a "Vida tornada Não Vida e transformada em um novo tipo de guerra entre espécies – o não vivo agressivo e putrefato contra o último reduto da Vida".

Não é fácil se desfazer desses modelos. As velhas coordenadas que nos são solicitadas desde a tenra idade, em práticas pedagógicas costumeiramente apresentadas como integradas a uma certa "cartilha de boas maneiras" – separar o lixo; desligar o chuveiro enquanto se ensaboa; escovar os dentes no banho para diminuir o consumo de água; fazer xixi no banho, evitando o desperdício de água em cada descarga desnecessariamente efetuada etc. – ganham, na contemporaneidade, atualizadas e insidiosas solicitações. As instituições financeiras de cartão de crédito, por exemplo, têm assumido um certo caráter pedagógico aos seus clientes ao passarem a calcular, em seus aplicativos, qual seria a "pegada de carbono" dos respectivos titulares, indicando um valor a ser pago para "compensar" o volume de gases de efeito estufa gerado pelas suas atividades econômicas individuais.

Ironicamente, trata-se de uma noção bastante unilateral de "consciência ambiental". Há pouco ou nenhum esforço por parte dos/as executivos/as e rentistas da

Faria Lima em tentar dirimir os efeitos catastróficos das altas taxas de juros nas populações mais pobres e vulneráveis do país. Que tipo de consciência é esta que estamos construindo quando, por um lado, anunciamos as nossas ações individuais como necessárias para a redenção do juízo final e, por outro lado, isentamos a coletividade quando o "preço a se pagar" recai justamente no bolso daqueles que detêm a maior concentração de renda? Como Silva e Chaves (2018, p. 158) tão bem evidenciaram, "nossa consciência nunca foi ausente, pelo contrário, sempre padecemos do excesso dela".

Ao inteirar-se ética e politicamente no território da EA, com foco na experimentação e na criação de outras "consciências ambientais", a pedagogia da palavração ambiental está menos preocupada em salvar o mundo da sua presumida destruição e mais pautada em uma luta incessante por justiça social, "no direito à vida digna, não só da espécie humana como de todas as formas de vida" (Reigota, 2000, p. 201). Como já foi perguntado, qual educação ambiental dará conta de estimular alunos e professores a entrar na carapaça dos caranguejos e produzir narrativas com aquilo que eles sentiriam caso fossem transportados amontoados entre si durante horas, para ao final ser ingeridos com cervejas e refrigerantes produzidos sob incentivo fiscal precisamente onde a disponibilidade de água foi historicamente significada como um "problema natural"? (Maknamara, 2013)

Se estamos interessados em uma prática em EA comprometida politicamente com as vidas humanas e as vidas mais-que- humanas; se estamos continuamente desfazendo o primado da vida sobre o inerte e se desejamos dissolver as noções totalizantes e totalizadoras de "consciência ambiental", devemos ensejar a "construção de uma sociedade sustentável baseada na justiça, na dignidade, na solidariedade, na civilidade, na ética e na cidadania" (Reigota, 2000, p. 201).

Com isso, essa pedagogia não opera ingenuamente a partir da eliminação de um cenário complexo, tampouco fecha os olhos para os acontecimentos mais recentes: uma catástrofe sanitária global que nos agitou durante quase três anos (e cujos efeitos certamente seguiremos sentindo por mais algum tempo); o recrudescimento do reacionarismo conservador da extrema-direita em escala planetária, sobretudo nos ditos "países de primeiro mundo" e, consequentemente, tomadores de decisões que nos afetam aqui nos trópicos; as práticas genocidas perpetradas ao povo palestino; as violências a que são submetidas os povos negros e indígenas em diferentes lugares do

mundo, sobretudo no Brasil; as leis que resguardariam os direitos reprodutivos femininos sendo colocadas em xeque ao arrepio das decisões historicamente adquiridas etc.

No entanto, a partir de um ritornelo anti-apocalíptico, a pedagogia da palavração ambiental argumenta: "é preciso estar atento e forte/não temos tempo de temer a morte". Sim, Foucault já nos alertara que "nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso" (1995, p. 256). É nesse sentido que esta pedagogia considera a necessidade de uma atenção contínua, mas não paranoica; de evidenciar que sim, há muito o que fazer, mas que isso não significa que o nosso trabalho precise ser atravessado por lamúria e tristeza – ainda que aquilo contra o que se combate seja perverso. Assumir isso tem sido crucial para que não sejamos seduzidos por esse repertório de destruição inescapável à nossa volta, imagens bélicas que nos impedem de afirmar a vida em toda sua capacidade de perdurar.

Ainda que o espaço-tempo que nos atravessa não tenha oferecido perspectivas tão generosas de um futuro minimamente habitável, seguimos os rastros de Haraway (2023d): necessitamos estreitar os laços e refundar os nossos imaginários, para que estes sejam capazes de convocar um exercício de coexistência multiespécie. Se na atualidade vigora uma certa celebração premonitória do apocalipse, entoada como uma espécie de "rapsódia do juízo final", currículos à beira do mundo operam a partir da imagem confluência*,* essa "energia que nos move para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito" (Santos, 2023, p. 15). Como rios caudalosos que caminham lado a lado, até tornarem-se uma única e indiscernível força. Confluir. Compartilhar. Conviver.

*Com-viver* requer compreendermos que "afetos não se trocam, se compartilham" (Santos, 2023, p. 36). Isso tem exigido de nós modos diferenciais de habitar essas ruínas babélicas, que longe de serem estéreis, ainda são capazes de um "florescimento de alteridade significativa" (Haraway, 2023d, p. 11) como um gesto ético e político de esperança para um mundo à beira do colapso. Pensar nos termos de uma alteridade significativa nos auxilia compreender que somos quem somos em uma relação contígua com outros seres, seja qual for a categoria taxonômica mínima que nos aproximaria. Nesse sentido, para moldar "futuros multiespécies mais vigorosos", nos argumenta Haraway (2023d, p. 76), precisamos "prestar atenção nas complexidades, distribuídas e

cheias de camadas", o que nos ajudaria "a evitar tanto um determinismo pessimista quanto um idealismo romântico".

Os currículos à beira do mundo provenientes desta pedagogia investem incessantemente na oferta de outros modos de subjetivação, para que não sejamos arrastados/as em significações conformativas, rotulados/as de forma medíocre como "sobreviventes" – sujeitos que, em um mundo à deriva, apenas reagem de forma dessensibilizada aos infortúnios de um colapso que se avizinha. Por outro lado, se estamos "atentos e fortes", temos condições mais favoráveis de criar linhas de fuga. No entanto, não devemos confundir criar linhas de fuga com "fugir do problema". Pelo contrário: trata-se, como sugere Haraway (2023), de ficar com o problema, ou, nas palavras de Deleuze e Parnet (1998, p. 48), em assumir que "fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga [...] É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar, como se fura um cano". Em um exercício de atenção contínua, a pedagogia da palavração ambiental transborda, opera pelas margens, cerceia a beira do mundo, reescrevendo formas particulares e atentas "às exigências da alteridade significativa em todas as escalas necessárias para a produção de mundos mais vivíveis" (Haraway, 2023d, p. 71).

## APOCALIPSE

> "Eu transbordei de raiva. Transbordei de ficar invisível. Com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade, com tanto trocadilo (sic), com as doutrinas erradas, trocadas, ridicularizou os homens"

Poucos meses após o falecimento de Estamira, aquele lugar que se confundia com a sua onipresença também deixou de existir. No dia 3 de junho de 2022, após mais de 30 anos de funcionamento, o aterro sanitário de Jardim Gramacho encerrou as suas atividades. Quase 100 milhões de toneladas de lixo foram despejados em três décadas de funcionamento naquele que foi o maior lixão da América Latina, o que permitiu que quase 2 mil homens e mulheres resgatassem, do empilhamento de "restos e descuidos", a sua sobrevivência[9]. Uma década depois, o que jaz naquele lugar em que Estamira afirmava tão categoricamente que era o espaço em que "fazia dinheiro" é uma enorme área verde. A uma primeira vista, um cenário para fazer qualquer educador/a ambiental

[9] Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/30/decada-jogada-no-lixo-dez-anos-apos-aterro-fechar-ex-catadores-de-jardim-gramacho-vivem-na-miseria-e-em-condicoes-insalubres.ghtml. Acesso em 21 set. 2024.

se comprazer pelas imagens mais agradáveis de vegetação em substituição a montanha de quase 60 metros de rejeitos provenientes das centenas de caminhões que diariamente despejavam resíduos sólidos no aterro.

No entanto, mais de uma década depois, o que se vê é um apocalipse às avessas: uma nova terra que foi planejada como substituição à esterilidade do lixão, cujas benesses seriam distribuídas aos/às sobreviventes desse cenário desolador. Ao presumir que estariam resolvendo uma problemática ambiental, o Estado não conseguiu garantir que os sujeitos que dali extraíam a sua fonte de renda fossem minimamente reparados por uma mudança tão brusca[10]. Consequentemente, há pouco mais de 30 quilômetros de distância de um dos principais cartões-postais da dita "cidade maravilhosa", milhares de sobreviventes persistem nesse mundo pós-apocalipse sem aterro, sem lixo, sem material para reciclar, sem renda, mas com sonhos de um amanhã mais generoso.

Iniciamos este texto com um obituário daquela mulher que inspirou aquilo que articulamos como uma pedagogia da palavração ambiental. E finalizamos com o obituário do lugar no qual ela viveu por tantos anos e cujo fechamento é um tanto simbólico dado o pequeno espaço de tempo entre o desencarne de Estamira e o apressado fechar das portas do aterro de Jardim Gramacho. Trata-se também de uma escolha para aludir a uma dessas palavras tão caras em se tratando de EA, futuros possíveis e currículos à beira do mundo: o Apocalipse.

A forma como vemos articulando o que é o Apocalipse, no entanto, se distancia de muitas das formas mais convencionais de significar o fim à espreita. Sobre esse apocalipse "midiático", concordamos com Silva e Chaves (2018, p. 158) quando as autoras afirmam que ele já aconteceu várias vezes, "já morremos várias vezes e de muitas formas, em livros, filmes, animações, documentários, charges e numa infinidade de imagens que nos cercam. O mundo vive de se acabar!". Seguimos os rastros de autoras como Povinelli (2023) e Haraway (2023) e evidenciamos que um dos princípios da pedagogia da palavração ambiental é o de desdramatizar o apocalipse, criando, com os currículos que se abrem à sua poética, narrativas de refúgio para inaugurar outras maneiras de ver/sentir/entender o mundo.

Por isso, sob o risco de decepcionar algum/a leitor/a capturado/a pelos discursos catastróficos, precisamos alertar que não recorreremos a desfechos apoteóticos,

[10] Disponível em: https://apublica.org/2022/03/gramacho-a-cidade-do-lixo-parada-no-tempo-a-30-quilometros-da-praia-de-copacabana/. Acesso em 21 set. 2024.

hecatombes, flagelos, murmúrios e lamentações. Nada de massacres, carnificina, guerras e derramamento de sangue. Em seu investimento ético e político, a pedagogia da palavração ambiental ajuda a reimaginar e produzir futuros porvir. Uma mudança de rota, uma recomposição que não recorra a um conformismo improdutivo. Ou seja, trata-se de uma pedagogia que rejeita o que está dado como certo, que experimenta, arrisca, sai dos lugares-comuns. Vimos, por exemplo, que aquilo que enunciamos como "consciência ambiental" é menos fruto das reflexões de um sujeito coerente, racional e consciente do que o produto de uma série de interpelações externas e, portanto, interessadas. Além disso, chegamos a outras imagens acerca da "natureza", imagens estas que convidam a reconsiderar a cisão entre "vida" e "não-vida", para que a pele do futuro não esteja limitada aos entes cujo processo metabólico incontestável é utilizado como argumento para qualificar e preservar a sua existência.

Mas como reimaginar – logo ele! – o Apocalipse? Como criar imagens outras que possibilitem pequenas rupturas nas máquinas totalitárias capitalistas que se afinam com sensações de esgotamento, de pânico e de medo? Afinal, se tudo estivesse fadado ao fracasso, qualquer movimento de resistência seria em vão – e, consequentemente, uma pedagogia da palavração ambiental estaria também condenada ao ostracismo. Daí a necessidade de seguirmos acreditando que "importa as estórias que contamos para outras estórias; importa quais nós amarram os nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais laços enlaçam laços" (HARAWAY, 2023, p. 18). Quais são as histórias de que temos nos abastecido para que possamos criar o mundo que nos cerca? Que futuros nos assombram e fazem-nos recorrer a determinadas histórias? Quais são os enredos que somos inclinados/as a produzir quando aqueles "nós que amarram os nós" parecem profundamente atados a linhas de morte, de adoecimento e de sedimentação?

A incerteza resfolegante de um futuro lamuriento segue turvando nossos horizontes futuros. Ao longo deste artigo argumentamos que a pedagogia da palavração ambiental oportuniza recriações curriculares no Capitaloceno, uma vez que a sua força poética e os seus agenciamentos inesperados fabulam refúgios para mundos porvir. Para tanto, é preciso de uma certa dose de criatividade para forjar formas improvisadas de existir, menos confinados aos ditames do liberalismo tardio. Que dizer de Estamira, que mesmo envolta aos "restos e descuidos", não deixou de encontrar belezas nas minúcias da vida que soerguia no Jardim Gramacho? À parte toda a sujeira, horror e escárnio

produzido pelo lixão, Estamira resistiu naquele monturo e dele extraiu o suficiente para uma vida sem delírios de grandeza. Insurrecta, sobreviveu à "nau dos loucos", embora não tenha resistido a uma vida inteira de violações. Estamira não pereceu a este apocalipse que parece se avizinhar. Sobreviveu aos apocalipses cotidianos, rotineiros. Travou batalhas a todos eles, chegando a afirmar que "a única solução é o fogo".

Com isso, em vez de simplesmente confabular um apocalipse vindouro, a pedagogia da palavração ambiental está mais preocupada em relação aos inúmeros "apocalipses diários" pelos quais determinadas populações estão cotidianamente atravessadas. Afinal, todos os dias alguém passa pelo seu próprio "fim do mundo", capitaneado por cavaleiros de infindáveis selos: a fome, a guerra, a peste, a servidão, a violência racial, a violência de gênero, as opressões às minorias sexuais... Se de fato não houver um amanhã, por que não reunimos esforços para mobilizar um presente vivível? Por que nos atermos ferrenhamente a imagem da finitude, esgotando as possibilidades de viver, quando a vida, como tão belamente nos mostrou Guimarães Rosa, quer da gente é coragem?

## REFERÊNCIAS


CARVALHO, Alexandre Filordi; GALO, Sílvio. Do sedentarismo ao nomadismo: intervenções para pensar e agir de outros modos em educação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n.1, p. 280-302, jul./dez. 2010.

DELEUZE, GILLES. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. Entrevista. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (orgs.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2014.

GUATTARI, Félix. **A revolução molecular**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. Currículo-slasher e dispositivo da catastrofização: nas entranhas de uma subjetividade zumbi. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 27, n. 61, p. 71-93, set./dez. 2022.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. Zapear: arsenal metodológico para sintonizar políticas de morte e escapes afirmativos em um currículo. **Acta Scientiarum**. **Education**, Maringá, v. 45, n. 1, p. 1-17, 2023.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o Problema**: fazer parentes no chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza**: símios, ciborgues e mulheres. São Paulo: Editora WMF, 2023b.

HARAWAY, Donna. Ficando com o Problema – Entrevista com Donna Haraway. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 25, n. 3, p. 107-115, set. 2023c.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023d.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade**: o que ensina o forró eletrônico? 2011. 151f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

MAKNAMARA, Marlécio. Educação ambiental e nordestinidade: desafios à práxis ecologista. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 10-17, 2013.

MAKNAMARA, Marlécio. Formação como subjetivação: docentes de ciências diante da cultura ecologista em espaços verdes urbanos. **Sisyphus Journal of Education**, Lisboa, v. 13, n. 01, p. 176-196, 2025.

POVINELLI, Elizabeth. **Geontologias:** um réquiem para o liberalismo tardio. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vem das margens. **Teias**, v. 11, s./n, p. 1-6, 2010.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Editora Ubu, 2023.

SILVA, Lêda; CHAVES, Silvia. Nosso vizinho, o apocalipse: mídia e educação em tempos de (in)cons/ciência. **Em aberto**, v. 31, n. 103, p. 149-160, set./dez. 2018.